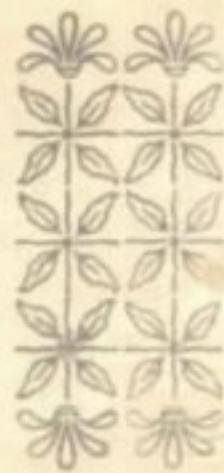
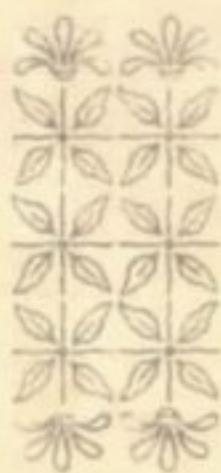


Leandro Gomes de Barros

Antonio Silvino, no jury
Debate de seu advogado



O autor reserva o direito de propriedade



Antonio Silvino no jury.

Debate de seu advogado.

Era 26 de Outubro
O dia designado
Para o celebre cangaceiro
No tribunal ser julgado
Perante a justiça publica
E o seu advogado.

Já na torre da igreja
Annunciava meio dia
Então Antonio Silvino
Cabisbaixo triste ia
Ver a ultima sentença
Que por sorte lhe cabia.

No salão do tribunal
Entrou elle amedrontado
Porque conheceu que ali
Havia de ser julgado
Disia-lhe a consciencia:
—E' triste teu resultado.

O juiz lhe perguntou
Qual é todo nome seu
Manoel Baptista de Moraes

Silvino lhe respondeu
Me chamam Antonio Sivino
Porém não é nome meu.

Sabe o réo porque está preso ?
O juiz lhe perguntou
Disse Silvino: por falço
Que o povo me levantou,
Servindo-se de meu nome
Não foi um só que roubou.

Mais os horrorosos crimes
Que se vê em seus processos ?
Respondeu Silvino ; muitos
Escreveram com excessos
Onde eu passava já via
Os rastões de outros perversos.

Diz o juiz você sabe
Porque está sendo julgado ?
Disse Silvino: é porque
Dizem que eu sou processado
E no mais em meu lugar
Está meu advogado.

Porém o senhor não sabe
Porque vem ao tribunal ?
Eu vim porque me trouxeram
Disse Silvino, afinal

Sou um homem ignorante
Não conheço bem nem mal.

O juiz do tribunal
Ordenou elle a sentar-se
E disse ao advogado
Que se quizesse fallasse
E dentro da justa lei
O que tivesse allegasse.

O advogado delle
Vinte minutos fallou
O que foi de attenuante
Remecheu e esgotou
Porém foi tudo debalde
Que em nada remediou.

O advogado delle
Entrou da forma seguinte :
Disse em pleno tribunal
Vejo o meu constituinte
Ser condemnado em artigos
Onde se livraram vinte.

Senhores; Antonio Silvino
Não fez tudo que se diz
Todos nós estamos a par
Do povo d'esse paiz
Que vendo o pobre com o peso
Diz carrega esse infeliz.

Eu não me refiro a isso
Porque seja interessado,
E nem adoto o systema
De um faminto advogado
Fallo porque tenho pena
De um infeliz desgraçado.

Eu não defendo esta causa
Interessado em dinheiro
Porque que fortuna tem
Um pobre prisioneiro
Venho pôr vêr tantos lobos
Ao redor de um só cordeiro.

Ora nós temos a lei
Claramente as nossas vistas,
E essas leis foram feitas
Por grandes criminalistas
Não foi pessoas baixas
Revoltosas e anarchistas.

Por exemplo uma hypothése:
Pedro disse que fulano
Lhe disse que lhe disseram
Que Paulo matou beltrano
Nesse processo de Paulo
Não pode dar-se um engano?

Parece que um ente desses
Cumpre a ordem do destino

Eu ouço fallar em crimes
Commetidos por Silvino
Quando talvez o pai d'elle
Ainda fôsse menino:

Disse o Dr. Souza Filho
Procurador do estado
Collega, eu enxergo em si
Razões de um advogado.
Seu cargo hoje admitte
Que se defenda o culpado.

Embora que os crimes d'elle
Enchesse o grande compendio
Você como advogado
Procura geito e defende-o
Mas a prisão d'elle, evita
A morte, o roubo e o incendio.

Quantos orphãos n'esta terra
Choram hoje desvallidos?
Quantos homens arranchados
Andam hoje foragidos?
Viúvas desamparadas
Que elle matou-lhe os maridos

Um d'esses se vendo solto
Nunca mais se regenera
E' feliz o brasileiro

Que não conhecesse tal féra
Um coração tão perverso
Envergonha a nossa éra.

Collega devemos vêr
Disse-lhe o Dr. Simões
Nes mãos já tem se encontrado
Magnificos corações.
Não é só no homem honrado
Que se vê boas accões

Nós ja temos visto homens
Em momento desgraçado,
Cair as vezes n'um crime
Sêr pôr isso processado,
Mas depois que se vêr livre
Torna-se regenerado

Disse o Dr. Souza Filho
Não é isso attenuante,
Olhe que o velho rifão
Traz um trecho interessante,
O cesteiro que faz um cesto
Faz mais cem e assim por diante

O advogado--Existe uma lenda antiga
Hoje se torna moderna
Muitas pessoas adoptão-a
Como uma verdade eterna,

O cavallo por um coice
Não deve cortar-se a perna

Disse o desembargador
Meus senhores venham cá
Este réo onde nasceu
Fez crimes desde lá
No logar onde elle estiver
O crime perto ha de está.

Elle deve ter processo
Em todo aquelle sertão,
Elle nunca reccuzou-se
Para qualquer aggressão
Roubo, incendio, assassinato,
Era sua profissão.

Fez elle em Caruarú
Duas mortes em Trapiá,
Quatro ou cinco em Canhotinho
Duas ou trez no Ingá
Fez mas uma scena horrenda
Na uzina Jundiá.

Passou desenove annos
O norte sem garantia,
Só morava no sertão
O pôvo que elle queria,
A força que fôsse a elle,
Desinterada sahia.

Hoje por felicidade
 Alguem pode o capturar,
 Se elle se escapulir
 Quem pode mais o pegar?
 Qual é mas o fazendeiro
 Que pode negociar?

Além da terrivel secca
 Que tanto tem assolado
 Solte de mais um leão
 Que temos engaiolado
 Veja se todo sertão
 Não fica despovoado.

O advogado disse:
 O advirto a senhoria,
 O crime, figura um cégo
 A lei figura uma guia
 A lei é como o compasso
 Não sendo, do que servia?

O réo commetten o crime
 E o processo foi feito
 Mais quem tirou o inquerito
 Não soube tirar direito,
 Arrependeu-se depois
 Agora não tem mais geito

A lei manda que se obre
 O que consta na postura

Quem foi fazer fez errado
 Quem vê e sabe sensura
 Da mortê para existencia
 Muda muito de figura.

Porque a lei diz assim
 Só poderá ser punido
 O crime que for provado
 Como foi acontecido
 Tendo uma só testemunha
 Inda não está garantido

Não era Silvino só
 O gangaceiro que havia
 Então do nome delle
 Qualquer se prevalecia
 Muitos crimes foram dados
 Onde Silvino nem hia

O concelho reuniu-se
 E fizeram votação
 Não houve um voto a favor
 Não pode haver concessão
 A causa estava perdida
 Não havia remissão.

Tambem Antonio Silvino
 De vez em quando corava
 Chegava-lhe um suor frio

O rosto lhe desmaiava
Nem cascavel no sertão
No dia que se assanhava.

Quando chegou na cadeia
Todo corpo lhe tremia
Olhava para a prisão
A carne lhe estremecia
Fitava todas as paredes
Como cobra, se mordia.

Arrenegava da hora
Que a mãe d'elle o conceben
Desconjurava do dia
E do anno em que nasceu
Até da primeira papa
E do tempo em que viveu

Depois de tudo acalmava-se
Mais não podia dormir
Cinco minutos de somno
Não podia conseguir
Oras ouvia-se chorar
Outro se via-o sorrir.

Elle exclamava comsigo
Ah! liberdade de outr'ora
Quanto feliz era eu
Podendo colher-te agora

Mas tu foste como o passaro
Voaste e fostes embora

E's como as folhas que seccam
Nos frondosos laranjaes
Ou como as aves nos ninhos
Que empenam e deixam os paes
Dizem no primeiro vôo
Adeus para nunca mais.

Ah! campos da minha terra
Onde a infancia passei
Ah! sombras deliciosas
Onde dias desfrutei
Mortes cobertos de flores
Que para sempre deixei

Onde gozei mil carinhos
De uma mãe carinhosa
Os dias eram uns jardins
E cada noite uma rosa
Nasci em berços de flores
E morro em cama espinhosa.

Oh morte porque demoras
Em dar minha liberdade
Não é o meu soffrimento
Vindo da eternidade
Eu te esperava tão cedo
Vinde embora seja tarde

Oh ! campos de minha terra
Prazeres que desfrutei
Scenas que passei por ellas
Gloria com que eu sonhei
Montanhas encantadoras
Inda hei de verte, não sei

Talvez que inda por sonho
Eu vá num daquelles montes
Do cume de uma das serras
Olhe aquelles horizontes
Ou se morrer minh'alma
Vá ao pé daquellas fontes.

Quem criou-se onde eu criei-me
E nasceu onde eu nasci
Estando em minhas condições
Preso como estou aqui
Chora quando se lembrar
De muitas scenas dalli

A liberdade do povo
Os encantos do sertão
Os cantos dos passarinhos
Um tempo de apartação
O homem que não chorar
Nunca teve coração.

Embora fosse infeliz
Com tudo sinto saudade

Minha patria foi cruel
Mas eu lhe tenho amizade
O amôr é a pessôa
Ambas são da mesma idade

Depois dizia consigo
Ah ! juiz ! se eu te apanhasse
Eu sendo como já fui
Talvez tu não escapasse
Tudo quanto já tem dito
Em dez palavras negasse

Tudo hoje é contra mim
Neste miseravel estado
Quatro e cinco me sensuram
Por todos sou accuzado
Nove algozes de uma vez
Accuzando um condemnado

Talvez que alguém aqui
Fizesse tudo que eu fiz
Porém encontrou amigo
Ou um pai como se diz
Um desses que faz sorrindo
De um desgraçado feliz.

Mas eu sou pelo contrario
Só alcanço accuzação
Não há um entre esses tantos

Que me procure a razão
O que é menos contra mim
Vota por minha prisão

Hoje tenho a liberdade
Por um ditado ou pilheria
O castigo é o commum
O horror sentença seria
Trago o carrasco a meu lado
Convivo com a miseria

Minha esperança é mais negra
Do que as noites sem lua
Nas tempestades horrendas
Que nem um astro flutua
Estou nas condições do cão
Sem domno no meio da rua

Se hoje eu chegar na praia
As ondas vendo-me esbarram
Os proprios peixes ferozes
Se me virem não me agarram
Repugnados de mim
Torcem de banda e escarram

Procuro um homem das lettras
Que procure meus direitos
Esse corre meus processos
Acha num, dous, trez defeitos

Crimes de barbaridades
Que por mim não foram feitos

Mas o homem prezo está
Sujeito a qualquer mazella
E quem compra numa tasca
Paga pelo preço della
Isso é cazo que se dá
Desde o palacio a uma sella.

Se pelo o revez da sorte
Inda eu possa me soltar
Aos quatro estados do norte
Eu hei de gratificar
Por uns quatro ou cinco seculos
O pòvo tem que fallar

Pernambuco tem de ver
Embuá tocar viola
Morcêgo andar no cangaço
Com rifle faca e pistolla
Parahyba fica doida
O Rio Grande se amolla

Ah! se chegasse esse dia!
A que gráo subia eu
Eu olhava todo norte
Disia isso aqui é meu
Meu avô deu ao meu pai
Meu pai na morte me deu

Tambem eu juro ao meu Deus
 Se algum dia eu me soltar
 Faço cousa a cabra ruim
 Que o diabo á de chorar
 Até cascavel tem pena
 Tapurú chega a exclamar

Dessas estradas de ferro
 Desgraço todas as linhas
 Familias em Pernambuco
 Só escaparão as minhas
 Na Parahyba não fica
 Quem bote agua as gallinhas

Se eu escapulir daqui
 Não ha mais quem me dê fim
 Porque desse dia em diante
 Eu hei dẽ faser assim
 Esmolla nem ao meu pai
 Confiança nem em mim

Eu quero ver se um diabo
 Me acha de corpo aberto
 A salvação do macaco
 E' ser ligeiro e esperto
 Faz muito bem o coelho
 Dormir com olho aberto

